

AUDIÊNCIA PÚBLICA 14JUN2011

Pauta: Para debater acerca das demandas do Diretório Central de Estudantes – DCE – da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA – por gestão democrática naquela universidade.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS (Ricardo Faertes): (19h21min) Passo a fazer a leitura do Edital: “A Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, no uso de suas atribuições legais, comunica à comunidade porto-alegrense a realização de Audiência Pública, dia 14 de junho de 2011, às 19h, no Plenário Otávio Rocha da Câmara Municipal de Porto Alegre, sita na Av. Loureiro da Silva, nº 255, Centro, com o objetivo de debater sobre as demandas do DCE – Diretório Central de Estudantes – da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre por gestão democrática naquela Universidade. Gabinete da Presidência, 1º de junho de 2011, Ver.^a Sofia Cavedon, Presidente”.

Convidamos para compor a Mesa a Sra. Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, Ver.^a Sofia Cavedon; o Sr. Giovanni Ferreira, Coordenador-Geral do Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre; o Sr. Juliano Medeiros, servidor da área administrativa da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre; o Sr. Gabriel Vargas Bernardo, do Movimento Ficha Limpa, da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. (Pausa.)

Prestigiam esta audiência pública a Ver.^a Fernanda Melchionna e o Ver. Pedro Ruas; a Sra. Luciana Genro, ex-Deputada Federal; alunos e funcionários da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

Convidamos para fazer uso da palavra a Ver.^a Sofia Cavedon, Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre.

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Boa-noite a todos. Sejam muito bem-vindos os estudantes, as estudantes, os nossos queridos Vereadores Pedro Ruas, Fernanda, a nossa sempre Deputada Luciana. Nós não contamos com a presença da Universidade, a informação que recebemos é que a orientação jurídica que a Reitora e a equipe têm é a de não comparecer, mas, de toda maneira, nós respeitamos o pleito, entendemos e queremos ouvir, nesta Audiência Pública, e formalizar a demanda, as preocupações e

construir algum encaminhamento coletivamente. Cumprimento o Giovanni, que é o Coordenador do Diretório Central dos Estudantes; o Juliano Medeiros, que é servidor da Universidade de Ciências da Saúde, e o Gabriel Vargas Bernardo. A nossa dinâmica é uma fala dos representantes que estão compondo a Mesa conosco. De imediato, abrimos a possibilidade de inscrições, junto à nossa Diretoria Legislativa, para manifestações do plenário na tribuna. Também os Vereadores poderão intervir, quando desejarem.

O Sr. Giovanni Ferreira está com a palavra.

O SR. GIOVANNI FERREIRA: Boa-noite a todos! Sou estudante do 3º ano de Fisioterapia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, sou Coordenador-Geral do DCE dessa instituição. Em primeiro lugar, gostaria de fazer uma saudação aos Vereadores Pedro Ruas e Fernanda Melchionna, que vêm prestigiar a nossa causa, a nossa luta, vêm nos dando um apoio muito importante, muito obrigado; à ex-Deputada Luciana Genro, muito obrigado pela sua presença, é muito importante; ao Sindicato dos Municipários, que também se faz presente, obrigado pela luta; à Assufrgs, também muito obrigado, presente aqui na pessoa do Sílvio; a todos os funcionários que também vêm aqui nos apoiar; ao DCE da UFRGS, que vem representado pela Sayuri, obrigado também; e a todos os nossos colegas estudantes que entendem que a pauta que vai ser exposta a partir de agora é de extrema importância não só para a Universidade, mas para a sociedade como um todo. É por isso que a gente está aqui hoje, a gente quer extravasar os muros da Universidade, para denunciar um escândalo de corrupção, envolvendo o mau uso da verba pública e a Reitora de 1998 a 2002. À época, não existia ainda a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, e sim a Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas. Na época, a Prof.^a Míriam da Costa Oliveira não era Reitora, era Pró-Diretora de desenvolvimento e, nesse período de 1998 a 2002, ela dispensou 47 licitações ilegais, num valor total de R\$ 100.000,00, para beneficiar um único publicitário. Em 2008, houve a denúncia anônima ao Ministério Público, que investigou e, em março deste ano, condenou a Reitora a mais de oito anos de cadeia. Isso foi em março, nós estamos em junho, e não existe nenhum posicionamento, por parte da Reitoria, para os estudantes, nenhum posicionamento para a sociedade, o que é mais absurdo ainda. Esta é a segunda oportunidade que nós, estudantes, temos de trazer

esta pauta para a sociedade. A primeira vez aconteceu 15 dias atrás, na Assembleia Legislativa, numa Audiência Pública também, na Comissão de Educação daquele órgão. Infelizmente, essa Audiência Pública foi manobrada, e manobrada de maneira completamente... me faltam palavras para descrever o que aconteceu naquela Audiência, pelo Deputado Alceu Barbosa, Presidente da Mesa. Foi uma vergonha! Uma vergonha para a cidade de Porto Alegre, uma vergonha para o Estado do Rio Grande do Sul ter um Deputado que começa uma Audiência Pública, em caráter de debate, defendendo e praticamente ameaçando aqueles que compunham a Mesa de que tudo o que fosse dito na Audiência seria de nossa inteira responsabilidade. Ele eximiu a Casa, a Comissão de Educação de qualquer responsabilidade, ele tirou... Como é que eu posso dizer?! E me deixa com muita tristeza saber que alguns representantes que são votados por nós, na hora de debater questões importantes referentes à corrupção, agem dessa forma. O que eu quero dizer é que, até agora, esse processo não teve nenhum desfecho. A Reitora foi condenada, está recorrendo e ela tem a orientação jurídica de não vir aqui, ela tem todo direito de não vir aqui, mas isso demonstra que, além de seguir as ordens do advogado dela, ela não está nem aí para a sociedade, ela não está a fim de discutir com ninguém, e isso a gente não tolera. Partindo disso, o DCE gostaria de fazer um encaminhamento aqui à Comissão. A gente acha que esta é uma Casa muito importante e que nos deu maior respaldo com a presença dos Vereadores hoje, com a Presidente Sofia Cavedon fazendo uma abertura serena e uma abertura como deve ser a de uma audiência pública. Eu posso dizer que eu me sinto muito mais à vontade de estar aqui, hoje, e de trazer a demanda do DCE, de trazer a demanda dos estudantes, que é pelo afastamento imediato da Reitora condenada, que não é mais imediato, porque faz três meses que ela foi condenada e ainda está lá, se utilizando do cargo para se manter. Ela viaja com dinheiro público, ela aprova moções de apoio na ANDIFES, ela aprova moções de apoio junto aos Reitores das Universidades Federais do Estado do Rio Grande do Sul, ela está fazendo o circo dela para continuar no poder. Depois, o colega Juliano vai poder explicar um pouco melhor o que é feito junto com os servidores, o que é feito com os servidores, quais são as práticas da Reitoria. Esse tempo tem que acabar, e ele começa a acabar com os estudantes, com os servidores se manifestando não só para a nossa comunidade, mas para fora, para a cidade de Porto Alegre, para o Estado, para quem quiser ver, a respeito

desse caso absurdo, esse caso de corrupção. Então, ficam aí os encaminhamentos do DCE, pelo afastamento imediato da Reitora.

Gostaríamos, também, de que os Vereadores se solidarizassem com a nossa causa e formassem uma comissão. Infelizmente, só estão presentes dois Vereadores aqui, na nossa plenária. Hoje de manhã, nós viemos e fizemos todo um trabalho de conscientização dos Vereadores para a importância dessa causa, mas infelizmente esse trabalho, ao meu ver, foi em vão. Os motivos eu, infelizmente, não sei quais são e também não interessa saber. O importante é que quem está a fim de brigar e quem está a fim de combater a sujeira que assola este País está aqui. E nós gostaríamos de que a Ver.^a Fernanda e o Ver. Pedro Ruas compusessem uma comissão, já que são esses os que estão presentes hoje, para acompanhar, de perto, esse processo e para nos dar uma força, ajudar os estudantes, ajudar a Cidade e ajudar todos os cidadãos que estão cansados de toda essa sujeira que assola o nosso País. Obrigado. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Obrigada, Giovanni. Nós, normalmente, trabalhamos com 20 minutos de introdução do tema por quem propôs a audiência.

O Sr. Gabriel Vargas Bernardo, do Movimento Ficha Limpa, da Universidade Federal, está com a palavra.

O SR. GABRIEL VARGAS BERNARDO: Boa-noite. Sou estudante de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde. Estou aqui em nome do Movimento UFCSPA Ficha Limpa, venho aqui representar todos os estudantes que se organizam no Movimento. Em primeiro lugar, eu queria fazer uma breve saudação aos estudantes da PUC que estão num movimento muito forte contra um DCE que está, há muito tempo, ligado a... É uma máfia que coordena o DCE da PUC há muito tempo, não fazem eleições. Ontem, teve um caso muito sério, as meninas foram agredidas... (Ininteligível)...um movimento lá, teve fraude numa eleição para o Congresso da UNE. A Ver.^a Sofia Cavedon estava por lá, hoje, eu acho, junto com a Fernanda. Então, é muito sério, é importante que fique registrada aqui a solidariedade dos estudantes da UFCSPA aos estudantes da PUC que também lutam contra a corrupção na Universidade, desta vez, dentro do DCE. Isso é inadmissível, o DCE tem que ser um órgão, uma instituição

para defender a causa dos estudantes, mas, infelizmente, lá faz o contrário. Também queria fazer uma saudação aos servidores da UFCSPA e Assufrgs, que estão numa greve muito forte e hoje estão aqui também. É bastante importante que não só os estudantes, mas toda a sociedade preste solidariedade a essa greve que tem uma pauta bastante importante, e a qualificação da educação no Brasil passa, também, pela qualificação dos servidores e dos seus salários, principalmente.

A UFCSPA é referência nacional, é uma universidade com uma qualidade de ensino que tem uma distinção no Brasil, tem uma infraestrutura que a gente não vê em outras universidades federais. Infelizmente, a Universidade ocupa lugar de destaque na imprensa, ultimamente, não por essa qualidade, e sim por ter a sua Reitora envolvida em diversos casos de corrupção. Várias matérias já foram veiculadas, e a gente se sente bastante envergonhado de dizer que estuda nessa Universidade, porque, ao invés de ter o reconhecimento pela qualidade do seu ensino, dos estudantes, infelizmente, tem a sua imagem maculada por causa das práticas de uma pessoa que está lá há bastante tempo e que não tem interesse de construir a Universidade, pelo que nos parece. Gostamos de lembrar que a Universidade é construída não só pela Reitora, como muitos pensam, mas, sim, por todos os seus estudantes, funcionários e professores, e é graças a isso que a UFCSPA tem essa imagem de destaque perante a sociedade. E a gente acha que ela não pode ter a sua imagem maculada pelas práticas de uma pessoa só.

A Reitora Miriam da Costa Oliveira foi condenada a mais de oito anos de detenção por fraudar 47 licitações, favorecendo, sempre, a mesma pessoa. Na sua defesa, ela tenta jogar a culpa para cima dos funcionários de forma covarde e diz que ela só assinava os papéis, que ela era muito inocente, não sabia o que estava fazendo. Pelo amor de Deus! Vai assinar 47 vezes a mesma coisa e não vai saber o que está fazendo?! Acho que o estudante não é ingênuo, e o servidor, muito menos. Se ela diz que a culpa não é dela, a culpa é de alguém, então, já começa por aí, ela tenta se eximir da culpa, jogando a culpa para os funcionários. É bastante importante a presença da Assufrgs aqui, que os funcionários tenham vindo, para a gente poder fazer este debate de forma mais franca.

O nosso diálogo com a Reitoria, desde que ficamos sabendo, o DCE e o Movimento Ficha Limpa criaram uma campanha pelo afastamento imediato, que começou com uma assembleia geral dos estudantes, com a presença de mais de 430 estudantes. A nossa

Universidade tem 1.200, mais ou menos. Isso é um terço da comunidade acadêmica participando da assembleia e aprovando, por maioria absoluta, a campanha pelo afastamento imediato da Reitora. Depois disso, nós escrevemos uma carta que pedia esse afastamento de forma oficial, e tentamos entregar a carta à Reitora. Nós fomos duas vezes à Reitoria, com todos os estudantes, e não fomos recebidos. Nas duas vezes em que subimos, nós encontramos grades fechadas e dois seguranças. Esse é o diálogo que a Reitoria tem com os estudantes, é sempre com grades fechadas. Há muito tempo, temos diversas pautas do Movimento Estudantil na UFCSPA, e, infelizmente, o nosso DCE nasceu no ano passado, só depois de uma ocupação de Reitoria, porque, de forma intransigente, o espaço de convivência que nós tínhamos foi demolido; então, tivemos que ocupar a Reitoria para poder criar o DCE e para poder garantir esse espaço. Então, esse vem sendo o diálogo que a Reitoria tem com a Universidade, que é sempre portas fechadas. O não comparecimento da Reitora aqui, eu acho que a gente sabe muito bem porque é, a gente não tem que dizer que a gente não sabe por que ela não está aqui. A gente sabe muito bem: ela não está aqui, porque ela não quer conversar com os estudantes, porque infelizmente, a Miriam, ela tem medo de qualquer espaço onde prevaleça a democracia, e, hoje, a gente tem as condições de fazer esse debate de forma franca, de forma ampla, com a presença dos Vereadores para poder levar esse debate para toda a sociedade, porque a verba pública, ela não diz respeito só aos estudantes da UFCSPA, só aos funcionários: diz respeito a toda a sociedade. Infelizmente, nós, no Brasil, estamos acostumados a ver todos os dias no jornal, na televisão, escândalos de corrupção; só que a gente não pode naturalizar essa corrupção; é bastante importante que a gente faça a nossa parte, e, como estudante de uma instituição federal, a gente é privilegiado, porque é a nata da sociedade que está lá, são muito poucos que têm a oportunidade de estudar em uma Universidade Federal; a gente tem que dar a nossa contrapartida para a sociedade, e isso começa por fazer essa fiscalização e trazer este tema para cá.

A Reitora, ela foi condenada, e, mesmo assim, permanece no cargo, isso por si só já é um absurdo! Agora é pior ainda que ela utiliza o seu próprio cargo para construir a sua defesa; e foi assim que ela fez, como já disse o Giovanni, quando foi para a Brasília com o dinheiro da Universidade para aprovar uma nota de apoio a si mesma; é assim que ela

faz quando coage os funcionários, os constrange, passando Moções de Apoio, abaixo-assinados para que eles assinem, para que apóiem-na; é assim que ela faz no Consun, onde ela é Presidente e consegue Moções de Apoio também; então, é aí que se dá à necessidade do afastamento imediato. Ela não pode continuar, porque está usando o próprio cargo para constituir a sua defesa e porque, primeiro, ela não tem nem condição moral mais para continuar. Alguém que é condenado... E não sou eu quem está dizendo isso, não é o Ficha Limpa, não é o DCE: foi uma juíza federal quem disse que ela foi condenada a mais de oito anos de detenção por dispensar licitação e dar um prejuízo de mais de 100 mil aos cofres públicos. Então, a gente vem para cá fazer este apelo aos Vereadores para poder discutir isso de forma aberta, de forma séria, porque, infelizmente, dentro da Universidade é impossível. Nós já fizemos dois atos, já pedimos que a Reitoria nos receba. Eles não nos recebem, já disse, como disse para a Vereadora também, porque não viria, que não vai se pronunciar. Só que isso é um absurdo, a Miriam ela não está acima da Universidade: ela faz parte, ela é uma funcionária pública, ela está lá para responder aos estudantes, aos funcionários e aos professores, e ela acha que está “por cima da carne seca”; então, a gente veio para cá para fazer este apelo e a gente sugere como encaminhamento que os Vereadores tirem uma comissão para acompanhar mais de perto isso, e que a gente consiga fazer essa batalha de forma mais séria pelo afastamento imediato, porque é impossível que ela continue lá.

Então, eu acho que o problema da UFCSPA, para ela, ele não passa só pelo problema da corrupção, esse é o estopim, mas a gente tem um problema muito mais sério lá: a Universidade ela é uma das poucas que ainda não tem eleição direta para Reitor, e isso, no século XXI, é um absurdo! A ditadura já passou faz bastante tempo e permanece algum resquício dentro da Universidade; então, a gente vem aqui não só falar do problema da corrupção, mas falar também do problema da democracia na Universidade. A gente acha que a mudança na UFCSPA, ela passa por uma reforma democrática, e a primeira coisa para isso é que a gente tenha eleição direta para Reitor, eleição direta e paritária, porque, se a gente tivesse um pouco mais de controle, um pouco mais de transparência dentro da Universidade, isso não teria acontecido; acontece porque é tudo controlado por uma camarilha que fica lá no 5º andar, onde fica a Reitoria, e os estudantes, os servidores e professores não têm acesso a nada disso. Então, a gente

vem aqui fazer este apelo para que a gente consiga construir essa reforma democrática dentro da Universidade, porque isso vai dar condições de que a Universidade continue crescendo e não afunde com mais escândalos e mais problemas.

Agradecemos a todos que vieram. Eu fico bastante decepcionado porque, hoje, o Giovanni, alguns outros estudantes e eu estivemos aqui pela manhã e passamos em todos os gabinetes dos Vereadores pedindo que eles ficassem; eles disseram que ficariam, há vários que falaram que iam ficar, outros disseram que iam ver, mas eles não estão aqui; a gente está vendo só estão a Fernanda e o Ruas, eu acho que é uma vergonha! É a Casa do Povo, e não tem ninguém aqui. Cadê o interesse? O comprometimento com as causas de verdade do povo? Para fazer solenidade ali para empresário, a gente sabe que tem muito mais Vereadores que não vêm para discutir a corrupção, que é um problema muito sério. Então, eu queria registrar que nós ficamos muito decepcionados também porque eles não vieram, e agradecemos a presença de quem veio, como a Luciana, que é bastante importante que dê respaldo para a nossa luta, e vamos ver se conseguimos tirar algum encaminhamento daqui, também. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Só queria animar vocês, para que vocês não se sintam desprestigiados. As Audiências mais polêmicas aqui, lotadas, dá oito, nove Vereadores. Os Vereadores também atuam com muitas agendas, agendas temáticas. A solenidade que teve há pouco tinha dois; a anterior tinha dois Vereadores, então, é importante que vocês saibam que é difícil para os Vereadores... Claro, tem uma questão de opção, obviamente, mas, apenas para vocês não...A cobrança é legítima, mas para vocês não se sentirem desprestigiados, saberem que é assim mesmo. O pessoal do Simpa sabe bem, muito bem.

O Sr. Juliano Medeiros, servidor da área administrativa, está com a palavra.

O SR. JULIANO MEDEIROS: Uma boa-noite aos colegas servidores, aos estudantes. Antes de mais nada, quero agradecer à Câmara pelo convite. A gente tem um formato de Audiência Pública que privilegia o debate aqui. O Gabriel e o Giovanni lembraram um pouco o que foi a nossa Audiência Pública na Assembléia Legislativa. Foi bastante frustrante, com a disposição muito pequena dos únicos dois Deputados que estavam lá de

fazer o debate e de ouvirem os servidores técnicos administrativos e os estudantes que estavam lá. A primeira coisa é que, bom, enfim, finalmente, nós temos um espaço fora da Universidade, graças ao empenho da Fernanda, do Ver. Pedro Ruas, e também da Ver.^a Sofia, de abrir este espaço para a gente, que é muito importante, por isso quero começar agradecendo. Primeiro, quero dizer que é importante, porque mesmo nós que estamos aqui no Plenário sabemos disso, mas também tem a TVCâmara que está gravando e tudo mais, os servidores técnicos administrativos estão em greve neste momento, de modo que, obviamente, isso também dificultou um pouco a nossa mobilização, por um lado, porque os nossos colegas servidores da UFCSPA passaram o dia inteiro em atividades, tiveram uma caminhada hoje pela manhã junto com os companheiros do CPERS-Sindicato, os trabalhadores em Educação, ficamos em piquete quase até cinco da tarde na Universidade, então, todo o mundo está bem cansado. Mas, por outro lado a greve também deve pagar tributo ao que a Reitora fez; de certa forma tudo o que tem acontecido na Universidade, o debate que se instalou lá a partir do escândalo envolvendo a Reitora e a sua condenação a mais de oito anos de prisão foi combustível para, agora, a greve que se impôs nacionalmente como uma necessidade de responder à falta de disposição do Governo Federal de dialogar com a categoria e de estabelecer uma política de reajuste salarial permanente. Essa greve que se impôs, digamos, também aproveitou, alimentou-se desse caldo de organização que se criou na Universidade, a partir do escândalo envolvendo a Reitora.

Então, por um lado, não tenho dúvidas de que a greve que estamos travando, que estamos levando adiante, se vitoriosa ou não – mas, com certeza vitoriosa –, vai ajudar no processo de afastamento da Reitora; nós sairemos mais fortes, mais organizados da greve. E, sem dúvida nenhuma, o processo anterior de organização que vinha se dando na Universidade também foi decisivo para que a greve encontrasse a força que encontrou na organização dos servidores técnico-administrativos lá na nossa Universidade.

Eu vou me apresentar decentemente: sou servidor técnico-administrativo, trabalho na Prefeitura do *campus* da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Completei, na semana passada, dois meses de trabalho. Então, vejam, cheguei no meio da confusão envolvendo a Reitora. A notícia de que ela foi condenada, na verdade, se deu na semana seguinte à minha entrada na Universidade. Há outros colegas aqui que

teriam muito mais propriedade, inclusive, para compartilhar com os companheiros que estão aqui todos os dados detalhadamente, mas há uma análise política que é importante que façamos aqui e que diz respeito a dois elementos, principalmente: o primeiro deles é a transparência na gestão pública. Na minha opinião, na minha avaliação, o Processo que resultou na condenação da Reitora tem um buraco. Qual é o buraco? O que motivou uma gestora pública, reconhecida na comunidade de Porto Alegre, uma médica, uma doutora, professora, que de professora universitária passou a Reitora de uma das mais importantes Universidades Federais do País, na área da Saúde, a fraudar 47 vezes o processo de licitação para beneficiar sempre um mesmo interessado? O Processo não conseguiu identificar qual a ligação entre ela e o senhor Paulo Pedott, que é a pessoa que foi beneficiada, um publicitário, que trabalha com prestação de serviços na área de comunicação. E o Processo não deixa claro, o Processo no Ministério Público diz, inclusive, que esse processo de fraude nas licitações causou um prejuízo de R\$ 100.000,00, o que, cá entre nós, comparando com o que há pelo País afora, não é um prejuízo dos mais absurdos, é um prejuízo sério para a gente, que ganha salário de servidor público, para os estudantes que estão se virando aí para poderem permanecer na Universidade, mas a gente sabe que, em termos comparativos com outros escândalos do País afora, R\$ 100.000,00 até não é tanto. Mas o que levaria uma gestora pública que, em tese, tem que prestar contas a um Conselho Universitário, em tese tem que prestar contas ao Ministério da Educação, aos seus superiores, a fraudar 47 vezes o processo licitatório? Isso falta na Ação do Ministério Público. Esse processo todo de indignação que move os estudantes e os servidores também tem que seguir sendo esmiuçado. Há outros escândalos que a gente sabe que vão aparecer em breve, a gente já tem ouvido. Há colegas servidores se movimentando; o próprio Ministério Público, o nosso Sindicato, a Assufrgs tem se movimentado também para ter acesso a outras denúncias que já existem e que são tão ou mais graves, inclusive, do que essa que levou à condenação da Reitora a oito anos. Então, é preciso também usar esse movimento para se questionar: afinal de contas, o que ela ganhou? E, a partir disso, também pensar sobre as falhas que existem na gestão pública, que permitem que uma gestora pública fraude 47 vezes o processo licitatório. Nós tentamos responder a essa pergunta, os estudantes e os servidores técnico-administrativos, cada um seguindo o seu caminho, mas acabaram por se

encontrar, nas últimas semanas, eu diria, com a seguinte resposta: o problema da gestão pública na Universidade Federal de Ciências da Saúde em Porto Alegre está intimamente ligado ao problema da democracia interna na Universidade, quer dizer, há um completo descontrole da gestão pública por parte da comunidade universitária. O Conselho Universitário segue os padrões que são determinados pela Lei de Diretrizes e Bases, portanto, tem 70% de professores, 15% de estudantes e 15% de servidores técnico-administrativos. Mas o Estatuto está montado de tal forma que metade do Conselho Universitário composto por professores é de cargos de confiança da Reitora, são diretores, coordenadores de curso, pró-reitores, de modo que há um controle absoluto da gestão da Universidade. A Reitora, que deveria estar subordinada a um órgão colegiado, de controle coletivo da comunidade acadêmica, controla o órgão colegiado, que é composto... Quer dizer, há um vício na gestão da Universidade, que se não for reparado, dará margem para outros erros como esses.

Nós tentamos dar essa resposta. Então, a saída para a crise em que vive a Universidade... Não se enganem, ao contrário do que a Reitora tem dito: “Não, segue tudo normal”, há uma crise institucional instalada na Universidade! Há uma crise que envolve assédio moral aos servidores técnico-administrativos, porque ela começa no Processo, jogando a culpa pelos crimes que foram cometidos nos servidores técnico-administrativos, segue sustentando essa versão, porque recorre da ação, mantendo o mesmo argumento, e, ao mesmo tempo, inicia uma campanha, por meio de alguns pró-reitores e alguns diretores de curso, de assédio moral aberto aos servidores, que diz o seguinte: “Olha, vocês não têm que se meter com isso, fiquem na de vocês, porque senão vai sobrar para vocês”. Então, a primeira coisa que temos que pensar nesse processo todo, a primeira saída que tem que ser pensada, como disse o Gabriel, como disse o Giovanni, diz respeito ao funcionamento da Universidade, à gestão pública. Então, a saída que os servidores, numa assembleia muito representativa, com mais de 80% dos votos, manifestaram foi de que, primeiro, ela tem que se afastar imediatamente. E ela tem que se afastar não apenas porque ela foi condenada, porque ser condenada já é o bastante. A gente viu, recentemente, a reação da opinião pública, por exemplo, em relação ao Ministro Palocci; ele, que não foi condenado a nada, mas as suspeitas envolvendo o enriquecimento dele eram tão evidentes que a opinião pública se manifestou muito

fortemente, e ele caiu. E a Reitora, que já foi condenada em primeira Instância, a 8 anos de cadeia, segue administrando a Universidade. Isso gera uma crise institucional e uma insegurança para o funcionamento da Universidade que vocês não têm ideia. Então, a primeira medida é o imediato afastamento da Reitora, mas isso não é suficiente, porque, vejam, há um núcleo de poder incrustado na Universidade, que se alimenta dessa dinâmica antidemocrática que permite que um mesmo grupo de professores controle a Universidade. No último processo, não de eleições – porque não pode chamar aquilo de eleições, mas de escolha da Reitora que foi feita no Conselho Universitário. Como lembrou o Gabriel, está é a única Universidade Federal do Rio Grande do Sul e uma das poucas universidades federais do País que não tem eleição direta, não faz sequer, a consulta, a malfadada consulta, que, oxalá um dia, consigamos transformar em uma eleição direta, em que o voto da comunidade acadêmica determine quem será o reitor. Mas nem sequer a consulta à Lei de Diretrizes e Bases – LDB é aplicada na Universidade.

Então, mesmo o afastamento da Reitora não resolve o problema, porque – não quero colocar em dúvida aqui a índole do Vice-Reitor -, na verdade, há um núcleo de poder que retroalimenta uma dinâmica de pouca transparência, de nenhum diálogo com os outros setores da comunidade acadêmica, nem com os professores. Os professores não estão aqui hoje, mas sabemos que há uma profunda indignação por parte dos professores. Há um setor significativo dos professores que está envergonhado – faz da sua vida, da sua carreira, a docência naquela instituição –, porque sai na rua e, quando perguntam, onde dá aula, responde que dá aula na Universidade Federal de Ciências da Saúde. Aí é cara feia, é acusação, é dedo apontado!

Então, mesmo os professores que não estão aqui hoje, porque ainda estão em um estágio preliminar da sua organização e do seu debate, estão indignados com o que está acontecendo lá. De modo que, mais do que o afastamento da Reitora, é preciso iniciar um processo – como disse o Gabriel, acho que o tema é excelente – de reforma democrática do Estatuto da Universidade, do seu Regimento Interno, já que a luta para instaurar paridade – 33, 33, 33% – em que cada um dos três setores da comunidade universitária – estudantes, servidores técnicos administrativos e professores – tenham o mesmo peso nas decisões, já que isso ainda é uma luta que envolve muito mais força, envolve o apoio

da comunidade acadêmica e envolve, em nível nacional, mudanças na legislação federal, que, pelo menos, nesse momento, possamos ver a Reitora afastada, a convocação de eleições, de verdade e não eleições de faz de conta, eleições em que a comunidade acadêmica possa participar, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases. A partir dessas eleições ou dessa consulta, como queiram, que possa se escolher uma nova gestão para a Universidade, uma nova administração que, na minha opinião e na opinião da maioria dos servidores que tem discutido esse tema, deveria ser *pro tempore*, uma gestão temporária que pudesse levar a Universidade até a uma eleição definitiva, com chapas inscritas, com consulta a toda a comunidade acadêmica, para instalar, na Universidade, um novo tempo.

Eu queria terminar dizendo que não é possível pensar uma universidade de excelência, que seja de excelência só no ensino. Uma universidade, para ser de excelência, para encarnar o verdadeiro espírito universitário da crítica, da reflexão, da liberdade de opinião, tem que ser democrática, antes de tudo. Não combina com o conceito e com a ideia de universidade, uma universidade que se sustente em padrões medievais de funcionamento. Embora a universidade seja uma instituição medieval, nós avançamos muito de lá para cá. É possível fazer uma universidade com a cara do século XXI, acho que esse é o interesse de todos os que estão aqui. Inclusive, posso falar, seguramente, da maioria da comunidade acadêmica que se manifestou nas assembleias de estudantes, que se manifestou nas assembleias dos servidores técnicos administrativos e que tem se manifestado, ainda na surdina, entre os professores. Tenho certeza de que esse é um momento importante, é mais um espaço para refletir sobre essas questões todas. Espero que seja mais um espaço e que possa haver muitos outros, que possamos refletir sobre a situação da nossa Universidade e das universidades brasileiras, que têm muito que caminhar ainda para serem instituições verdadeiramente democráticas. Obrigado. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Muito bem, temos bastantes elementos para o nosso debate. O Ver. Pedro Ruas está com a palavra.

O SR. PEDRO RUAS: Minha cara Presidente, Ver.^a Sofia Cavedon, a quem agradeço, sensibilizado, por mais essa oportunidade e espaço que concede às demandas sérias do movimento social. A Ver.^a Sofia Cavedon – isso é importante salientar para o Gabriel, para o Giovanni e para o Juliano – tem sido uma pessoa extraordinária, uma Presidente praticamente inigualável neste Legislativo Municipal, exatamente no que concerne a esse tipo de demanda.

Acho que o Simpa tem tido essa mesma experiência com a Sofia, e eu quero reiterar isso em meu nome e, certamente em nome da Ver. Fernanda Melchionna e da Luciana Genro, que estão ali, porque somos testemunhas. Mas, Gabriel, Giovanni, Juliano, Sayuri, minha cara Berna, que coordena a Assufrgs, em um movimento importante agora de greve. Amanhã de manhã, tentaremos estar juntos, por volta das 9h, 9h30min, na Reitoria. Eu e a Luciana Genro temos um compromisso às 8h30min. Fiz questão de me inscrever para fazer um registro, porque falo aqui, certamente em meu nome e em nome da Fernanda Melchionna, mas ela vai falar, novamente, em nome dela e, depois, em meu nome também. Nós trabalhamos assim, Mario, aqui na Câmara e temos tido, ao longo desses dois anos e meio de mandato, uma Bancada que, certamente, consegue expressar, na ação política, aquilo que é o PSOL como Partido político.

Esse momento já foi descrito pelo Gabriel, pelo Giovanni e pelo Juliano, como algo muito grave. O conteúdo de tudo o que está ocorrendo já foi falado por eles. Eu não quero ficar só repetindo, João, o que, para nós, é sabido: há uma fraude gigantesca, há uma ladra no comando da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, e há um Conselho submisso; portanto, conivente. Há muitos anos, quando fui universitário, faz muitos anos mesmo, tive um professor de direito penal, Ver.^a Sofia, que dizia que, no crime, não existe amizade, Mario, o que existe é cumplicidade. Fiquei a vida inteira pensando naquela frase do professor de direito penal e lembrando dela, e a uso até hoje: no crime, não existe amizade; existe cumplicidade! Essas pessoas que cercam e protegem a Reitora são suas cúmplices e assim devem ser tratadas, porque, quando há o delito contra a coisa pública, todos aqueles que impedem a ação saneadora, são cúmplices! Isso é uma definição que vem do próprio direito, não é uma definição de esquerda, socialista; é uma definição republicana, do direito, inclusive, com superestrutura da sociedade burguesa. É esta a definição. Aliás, visão republicana, também, do Norberto

Bobbio, dizendo que a administração pública se faz em público, e é exatamente o que não faz essa Reitora. Mas o que compete a nós? O que nós podemos fazer? E, aqui, quando eu estou dizendo nós, Sofia, eu digo nós, Câmara de Vereadores. O que poderia a Luciana Genro, como Deputada, e o que ela pensaria em fazer? O que nós podemos fazer, além de denunciarmos, aqui, o que está ocorrendo? Olha, eu acho que nós podemos estudar algumas maneiras de ação política um pouco mais efetivas do que a denúncia de tribuna, que já é importante. Pelo menos, mostra o lado, quem tem lado e não é cúmplice. E, pelo menos, estamos aqui, isso foi bem enfatizado pelo Gabriel e pelo Giovanni, e temos orgulho de estar aqui. Mas, além disso, além da presença na Audiência Pública, além da ação que a Sofia Cavedon auxiliou, sempre, a montar e coordena, o que nós podemos fazer? Eu estava pensando, ali, enquanto conversava com a Berna, o seguinte: nós podemos imaginar uma Moção de Repúdio. Uma Moção de Repúdio – a gente tem que examinar, tem que ver se é possível, em que termos ela seria -, porque é uma condenação de 1º grau, mas que já traz provas suficientes e objetivas que não serão modificadas. Por exemplo: os quarenta e sete episódios em que houve fraude ou inexistência de licitação. Esse já é um dado objetivo. Portanto, eu acho que podemos trabalhar com isso em termos de Câmara Municipal. A Moção de Repúdio da Câmara, para vocês terem idéia do alcance, não é simplesmente uma votação de Vereadores; ela é a posição da cidade de Porto Alegre, da Capital do Rio Grande. Portanto, podemos estudar se é viável juridicamente a Moção de Repúdio para um caso como este. Parece-me, num primeiro momento, que, sim, porque há elementos objetivos. Não seria, se nós tivéssemos apenas a subjetividade de uma sentença 1º grau, que pode ser modificada no 2º grau. Mas, não, nós temos elementos que são já incontroversos, os quarenta e sete episódios de inexistência de licitação. Mesmo que seja discutível o prejuízo dos cem mil – eu acho que são mais de cem mil –, para menos, por parte dela, ou os quarenta e sete episódios não são e, por isso, eu acho que teríamos condições da Moção de Repúdio. Outra ação, que eu imagino dos representantes da população de Porto Alegre, onde está instalada a Universidade Federal de Ciências da Saúde, ela está em Porto Alegre. Portanto, nós temos, sim, condições de agir sobre algo que ocorre dentro da nossa Cidade. Nós temos que fazer alguma coisa. Não somos promotores, não somos delegados, não somos juízes, mas representamos o povo de Porto Alegre, onde está

ocorrendo a fraude, onde está ocorrendo o autoritarismo, onde está ocorrendo furto do dinheiro público. Eu acho que nós podemos pedir, também, a audiência que não foi concedida aos estudantes, aos funcionários. Estou imaginando, estou refletindo aqui, em voz alta. Acho que podemos pedir, nós, a Audiência. Acho que podemos, também, imaginar algo em relação ao próprio Conselho, o que compõe lá a base de sustentação. E como pode uma pessoa acusada, como ela está sendo, utilizar a máquina pública para fazer a sua própria defesa ou autoelogio? Isso também pode ser, parece-me – e não estou rediscutindo tudo que já foi colocado, eu estou tentando propor algo que esteja ao alcance da Câmara e nem como militantes de esquerda, estou dizendo como Vereador da Capital; é uma outra visão –, talvez uma ação institucional, e é nisso que estou pensando. Não vou muito além disso, agora. Eu acho que isso nós já podemos examinar. Eu me proponho reunir com a Fernanda, com a Sofia, com mais Vereadores que queiram, e tenho certeza de que a Maria Celeste, da Comissão de Direitos Humanos, pode ser parceira nisso. Acho que não tem muita gente, não vamos nos iludir, acho que não tem muita gente mais. Não é muita gente que vai querer abraçar, conosco, querer ombrear esse enfrentamento. Pouca gente, mas tem gente. Talvez tenha um, dois, além dos que estão aqui. Mas, para esse tipo de fim é o suficiente. Nós, também, ali na greve dos municipais, não tínhamos muita gente. Não tínhamos! Aliás, eram os mesmos, e conseguimos! Então, a gente tem o que fazer e acho que a gente pode, a partir de agora, debater isso. Eu fiz questão de dizer da tribuna, Juliano, para que vocês também soubessem o que está ao nosso alcance. Talvez mais alguma medida que não tenha me passado agora. Mas se isso nós conseguíssemos, talvez a sociedade se dê conta do que está ocorrendo, realmente. A queda do Palocci, exemplificada pelo Juliano, meu caro Giovanni, meu caro Gabriel, ela se deu muito pela comoção popular, pelo conhecimento do que ocorria, e pela inconformidade em relação ao que estava acontecendo. Bom, se as pessoas não conhecem o episódio, dificilmente vão ficar indignadas com ele; se elas conhecerem e verem que algo tipo institucional, como a Câmara Municipal da Capital, tem posição sobre o tema, talvez tenhamos, aí, uma motivação. Talvez algum meio de imprensa, de algum veículo de comunicação, dê mais importância para uma situação que é, na verdade, para todos nós, motivo de muita vergonha e isso inclui a Câmara Municipal de Porto Alegre. Inclui, Gabriel, o Legislativo Municipal, sim, necessariamente.

Então, eu quero concluir, colocando, de novo, a nossa solidariedade com o Movimento e me propondo, com a Fernanda, com a Sofia, com mais algum Vereador da Casa, a trabalhar possibilidades do Legislativo Municipal atuar e dando a certeza, a convicção a vocês de que vocês não estão sozinhos, e que vocês fazem a melhor luta, a melhor das lutas, o combate correto. Nisso, eu acho que seremos vitoriosos, mas isso nem sempre tem como resultado a vitória. Eu até tinha esta fita, não tenho mais, era uma entrevista de 1987, do Fidel Castro, sobre o Guevara na Bolívia. E ele era questionado, o Fidel, sobre – afinal de contas, talvez um erro – o Guevara ter ido para a Bolívia naquelas condições, e ter morrido. E diz o Fidel algo extraordinário, que eu gosto muito desta frase e de uma outra que eu vou falar agora, para encerrar. O Fidel diz: “O êxito não é a medida pela qual deve ser avaliada a ação política”. A ação política, quando ocorrer, não pode ser avaliada posteriormente pelo êxito que ela teve ou não. Então, eu não tenho dúvida nenhuma que vocês estão absolutamente corretos. E isso não se vincula à vitória que nós podemos ter ou não ter. Eu junto esse pensamento do Fidel Castro a uma frase que eu ouvi, em 1983, do Professor Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro. Ele disse o seguinte: “Eu perdi a maior parte das lutas que eu travei, mas eu não queria estar, nem por um segundo, no lugar dos que ganharam”. Então, eu acho que nós temos que estar certos. Vocês estão certos. E estamos juntos. Nós temos boas possibilidades de vitória. Podemos chegar lá, vamos fazer a nossa parte, e, acima de tudo, no nosso momento histórico, aquilo que está ao nosso alcance precisa, deve e será feito! Contem com a gente! Muito obrigado. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Obrigado, Pedro Ruas. Eu perdi uma parte, mas peço desculpas, porque eu estava atendendo o jornal Zero Hora, sobre o tema do DCE da PUC. E eu acho que hoje é um dia de grande vitória, porque comprova as palavras do Ver. Pedro Ruas, de que anos e anos de luta, chega um momento em que, pelo acúmulo de luta, pode fazer a virada. E eu acho que hoje nós tivemos uma reunião histórica na PUC, e vamos ver se amanhã nós conseguimos a brecha que foi aberta, para ampliá-la para a democracia imperar, instalar-se no DCE da PUC.

O Sr. Sílvio Corrêa, da Assufrgs, está com a palavra.

O SR. SÍLVIO CORRÊA: Boa-noite a todos, à nossa Presidente, aos colegas de luta, uma luta que a gente está travando no dia a dia. Eu, na verdade, vim conversar um pouco, tentar dialogar com pessoal que está presente. Primeiro, até para te dizer, o seguinte: “A gente que é um pouquinho mais experiente, a gente sabe que o pessoal das classes dominantes sempre se organiza e se reorganiza para tentar manter o seu *status quo*”. Então, essa coisa de dizer “A ditadura terminou. Agora não tem mais lugar para isso!” Sempre vai ter, viu, porque nós é que temos que estar atentos para não deixar isso acontecer. Porque eles sempre se reorganizam e conseguem fazer essa lutinha de manter o *status quo* deles lá. Eu acho importante dizer que o nosso Sindicato representa servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, servidores da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. A gente já tentou, em vários momentos, dialogar com essa Reitora, e ela nunca recebeu o Sindicato. Ela nunca recebeu o Sindicato! Mais sério ainda: nós tivemos uma deliberação nacional, uma Moção de Repúdio à Reitora e de Apoio à luta dos colegas da UFCSPA e da UFRGS, por consequência, porque essa luta não é só deles, é uma luta de todo trabalhador em educação do Brasil. Então, nós tivemos uma Moção de Apoio a essa questão tirada, em nível nacional, numa plenária da Federação. Ela se sentiu muito ofendida, muito agredida, chorou quando recebeu a Moção – tem tudo isso, o teatro faz parte -, e pediu uma audiência com a direção nacional da Fasubra, sem nunca ter nos recebido. Sem nunca ter nos recebido! Nós que estamos aqui do lado dela, dispostos a fazer o diálogo com ela e ir lá e defender o interesse dos nossos colegas. E aí nós intervimos de uma forma que nós queremos garantir a presença do Sindicato. Nós vamos ter que vir a Brasília para tentar encontrar com a Reitora. De qualquer forma, essa luta tem que repercutir, ela tem que repercutir! Sabem por quê? Porque na própria Fasubra, se vocês procurarem no *site* da Fasubra, vocês não vão encontrar a Moção que foi tirada. A Moção não foi publicada. E é incompreensível que uma entidade que defende trabalhadores em educação tenha dúvida com relação a defender os colegas que foram incriminados maldosamente, perversamente por essa Reitora, e que foram inocentados no processo. Então, na verdade, é impossível que a gente aceite que as coisas sejam colocadas nos moldes que estão sendo colocados. Eu não vou roubar a fala da Berna, mas ela disse uma coisa que sempre gravou em mim: “Como é que ela pode ter se enganado 47 vezes?” É impossível

que alguém alegue, em sua consciência, seriamente, que se enganou 47 vezes. É impossível! É impossível! Não é o valor que está em jogo, até porque a gente se acostumou, neste País, que a coisa é tão corrupta, que 100 mil reais é pouco dinheiro para a corrupção! Não precisamos-nos preocupar. Que fosse um real que ela tivesse roubado, ela mereceu a condenação, e ela tinha que ter vergonha na cara e se retirar da gestão da Universidade!

Então, o papel da gente aqui é fazer a repercussão disso, que a comunidade de Porto Alegre conheça a forma como uma Reitora gere uma Universidade da grandeza que é a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Na verdade, eu acho que a pergunta que tem que ser feita é a seguinte: alguém tem dúvida que a Reitora tem que se retirar da Reitoria da Universidade enquanto durar o processo? A alegação de que ela foi condenada em Primeira Instância pode ser uma alegação que “Ah, mas ela tem mais 50 Instâncias para recorrer!” Ela está condenada! Ela está condenada! Se ela tivesse um mínimo de dignidade, ela teria saído. Ela não tem dignidade para ser Reitora de uma Universidade dessa grandeza. Portanto, eu acho que isso que é fundamental. A gente vai ter alguns colegas que vão dizer o quê? Que esse ato perdeu a importância? Porque a gente tem pouca gente aqui, porque a gente tem poucos Vereadores presentes, porque isso demonstra que a causa da Reitora não é tão fundamental. Agora, eu vou dizer para vocês o seguinte: enquanto houver alguns que se indignam com a corrupção, enquanto houver alguns que se indignam com a forma como são geridos os recursos públicos neste País, essa luta vale a pena ser lutada por todos nós! Digam o que disserem alguns colegas por aí, que vão dizer: “Ah, fizeram um ato lá e tinha meia dúzia de pessoas”. Não é o número de pessoas que é importante. É a repercussão da atitude da Câmara de Vereadores de Porto Alegre em abrir um espaço para a gente fazer essa discussão. Essa é a importância! E essa é a luta que vale a pena ser lutada! Eu agradeço a todos vocês que se dispuseram estar aqui hoje à noite, para a gente poder estar fazendo essa discussão, porque é de gente como nós – todos que estão aqui -, dispostos a fazer essa luta, que este País está precisando. Obrigado. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): O Sr. Sayuri Kubo, DCE, UFRGS, está com a palavra.

A SRA. SAYURI KUBO: Boa-noite a todas e todos; quero cumprimentar a Mesa, o Plenário que está presente, somos poucos, mas representamos muito mais, há muitos lutadores que estão lá na PUC, em outras instâncias, dependendo dos interesses dos estudantes e dos trabalhadores; os municipais que estavam em greve, os servidores das universidades federais, da UFRGS e da UFCSPA, que estão na luta. Acho que é muito importante a noite de hoje para registrarmos que, como o companheiro estava falando, existem pessoas que não estão conformadas com a corrupção; enquanto elas existirem, sempre vai haver luta.

A Reitora Miriam da Costa Oliveira falou que, por não ser formada na área do Direito, ela não conhecia a Lei de Licitações, porque ela é da área da Saúde. Acho que isso só comprova sua incompetência, alegando que não conhece o mínimo de uma gestão pública. Isso é um desrespeito. Ela quer dizer que a gente não tem a capacidade de saber o que ela está fazendo lá e que é errado. A gente sabe que é errado. Agora, a gente tem que ver todas as vias legais para que possamos ter a vitória de retirá-la do cargo.

Acho que nós estamos muito bem com o movimento UFCSPA Ficha Limpa, fizeram atos, fizeram o Dia da Marmita e estão protestando por um restaurante universitário. E é bom a gente dizer aqui que a Reitora disse que não havia verba para construir um restaurante universitário, mas ela construiu um restaurante panorâmico cujo almoço custa R\$ 12,90 – e ainda a comida é ruim -, ou seja, os estudantes não podem pagar, enfim, não condiz com a nossa realidade. Cem mil podem até parecer pouco, Juliano, mas foram cem mil que foram utilizados para construir o RU da ESEF, lá na UFRGS, que a gente conquistou com uma ocupação em 2007. Então, não é pouco, não. A gente tem que lutar por mais assistência estudantil na UFCSPA, pela manutenção do direito dos estudantes a universidade pública com condições, pela Casa de Estudantes, pelo RU, por todas as condições para que eles se formem de maneira tranquila, sem passar por maiores dificuldades. Isso é fundamental.

Quero deixar aqui registrado, como Coordenadora-Geral do DCE da UFRGS, o nosso apoio à luta de vocês, e vou estar sempre ao lado de vocês para o que precisarem. Lá na UFRGS, vamos encampar agora a questão da segurança, por mais segurança e mais infraestrutura na Universidade. A gente sabe que a Rua Sarmiento Leite, onde também

está localizada a UFCSPA, tem alto índice de violência, como também em tantos outros *campus* da UFRGS os estudantes passam por dificuldades todos os dias, assaltos, enfim. Então estamos com essa campanha para contratação de seguranças efetivos. Acho que a segurança não serve para proteger o Reitor dos estudantes, porque eles adoram se esconder dos estudantes, não gostam de dialogar, e, sim, para proteger o patrimônio público e proteger também aqueles que utilizam a Universidade.

Era isso que eu queria deixar registrado. Boa luta para todos nós! Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): O Sr. João Ezequiel Mendonça da Silva, do Simpa, está com a palavra.

O SR. JOÃO EZEQUIEL MENDONÇA DA SILVA: Boa-noite a todos. Quero saudar a todos os lutadores, o pessoal do DCE da Universidade Federal de Ciências e Saúde de Porto Alegre, e dizer que o camarada Gabriel Bernardo esteve lá conosco nos piquetes da Saúde, passando a madrugada na luta, na greve dos municipais. Quero agradecer ao camarada e a diversos outros que estiveram apoiando a nossa greve. Inclusive quero citar a Ver.^a Fernanda Melchionna, que participou de diversos atos públicos e assembléias; a Ver.^a Sofia Cavedon, que esteve também conosco na luta; o Ver. Pedro Ruas, que agora saiu, mas que intermediou, inclusive, uma negociação junto ao Governo Municipal, o Governo Fortunati; a dirigente do PSOL que saiu agora, Luciana Genro, que também, em todas as greves de municipais, esteve nos apoiando.

Quero dizer que a gente fica muito triste quando vemos, Gabriel Bernardo, Giovanni, essa situação de corrupção que, na verdade, está em todo o País. E a população, atualmente, muitas vezes observa isso com uma certa naturalidade. Desse ponto de vista, a gente fica triste; mas, por outro lado, eu fico muito feliz ao ver que uma gurizada nova, como vocês, compra essas lutas e vai em frente, denunciando, de forma muito corajosa, e enfrentando esses corruptos. Isso é muito importante para nós. É muito importante saber que, depois que nós, que somos mais velhos, estivermos numa outra situação, vamos dizer, terão outros que continuarão com as lutas. Isso é muito importante!

Quero dizer para vocês que é de fato impressionante o caso dessa Reitora, Miriam da Costa, porque o simples motivo de ela ser acusada já seria suficiente para ela abandonar

o cargo. Agora, essa Reitora não foi apenas acusada, ela foi condenada 47 vezes por não ter observado a lei, e isso é curioso: 47 vezes, ela dispensou o processo de licitação. O que significa isso? Significa que eu escolho a empresa que vai prestar o serviço para uma entidade pública, ou seja, eu escolho qual empresa terá o lucro do dinheiro público – isso segundo o Ministro da Educação, que foi para a imprensa defender essa Reitora corrupta; o que também é impressionante, um Ministro ir para a imprensa dizer que ela deve permanecer no cargo.

Aí, companheiros e companheiras, quero dizer para vocês que aqui em Porto Alegre não há só esse fato da Universidade Federal de Ciências da Saúde, aqui também há uma grande distorção no quesito licitação sobre a questão do transporte urbano. É do conhecimento dos Vereadores – e os Vereadores presentes estão nessa luta – que, há 21 anos, não existe licitação para a concessão do serviço de transporte urbano nesta Cidade. Isso é impressionante! Aí, quando vejo essas coisas, eu lembro da minha mãe, uma velha, negra, que lavava e passava para fora, e dizia: “Meu filho, João, a gente nunca pega nada de ninguém, a gente tem que trabalhar”. Engraçado isso, porque a gente, que é de origem pobre, aprende que tem que ser honesto, que tem que ganhar o dinheiro através do trabalho honesto, ser digno. Se alguém te empresta um dinheiro, vai lá e devolve. Não é assim que funciona? Mas aí a gente vê que pessoas com uma grande formação, pessoas que vêm de uma família que tem uma renda muito elevada, para eles, esse quesito não é importante, não é fundamental. A gente vê isso de parte dos gestores, é impressionante. Nesta Casa, por exemplo, onde se elaboram e se votam leis, a gente batalha para que as leis sejam votadas, e o próprio Gestor Público não cumpre a lei, como é o caso da Gestão no Município de Porto Alegre, como é o caso dessa Reitora. É importante dizer o nome dela: Miriam da Costa, uma reitora corrupta, que se acha dona desta Faculdade, desta Universidade. Por isso, companheiros, é importante, sim, essa luta.

Falo em nome da direção do Sindicato dos Municipários de Porto Alegre, quero dizer aos companheiros que contem conosco, nós estaremos juntos nessa luta. Quero dizer que nós, municipais, nessa última greve – aí, Gabriel, é importante, porque as lutas são difíceis, a maioria delas é difícil –, tivemos muita luta, porque pode parecer, para muita gente, que o Prefeito Fortunati tem um perfil democrático, que o Prefeito Fortunati é um

pouquinho melhor do que aqueles Prefeitos que estiveram aqui comandando a Prefeitura de Porto Alegre, mas não é verdade! Gabriel, nós tivemos aqui uma greve muito dura, desde o primeiro dia. O Sr. Busatto inclusive tem um histórico em outros Governos, junto ao Governo Yeda, muito questionável, saíram diversas gravações pela imprensa de que este Secretário, Sr. Busatto, estava envolvido em corrupções. Então, temos que dizer o seguinte: que este Governo Municipal, desde o primeiro dia de greve dos municipais, saiu atacando os municipais, ameaçando os servidores em estágio probatório, ameaçando todos os servidores municipais em greve de que teriam o seu ponto cortado, que haveria desconto no seu contracheque no final do mês. Portanto, companheiros e companheiras, é muito importante a gente observar que não estamos lutando contra qualquer coisa. Como muito bem disse o Pedro Ruas, eles estão muito bem articulados, muito bem organizados, e os ataques são os mesmos. Portanto, quero aqui me solidarizar, o Simpa é solidário nesta luta e também lá na greve dos servidores federais das Universidades. Parabéns a Assurfgs. Parabéns ao DCE desta Universidade Federal de Ciências da Saúde! Contem com a gente. Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): A Sra. Bernadete Menezes está com a palavra.

A SRA. BERNADETE MENEZES: Primeiramente, gostaria de saudar os nossos colegas estudantes e técnicos; o Juliano, nosso colega de luta; o Gabriel, na Juventude; a nossa Presidente, Sofia Cavedon, que nos recebe com tanto carinho. Eu, que retorno a esta Casa não mais na condição de Vereadora, mas de lutadora social, entendo bem as palavras do Pedro, porque conheço a relação muito forte da Sofia com os movimentos sociais – então, Sofia, estendo as palavras do Pedro, também. Quero saudar a companheira Vereadora, também da nossa casa, a UFRGS, colega do curso de Biblioteconomia, é um prazer tê-la aqui – ser recebida por vocês, na verdade, porque vocês são os nossos anfitriões; saudar o Ver. Pedro Ruas, que, por problemas de compromissos anteriores, ele e Luciana Genro não estão mais presentes; e todos os nossos colegas que estão nessa luta, além dos municipais e do DCE da UFRGS, que estão junto conosco nessa batalha dura que tem sido a greve das universidades brasileiras. Estamos aqui, a Coordenação da Assufrgs também, além dos companheiros

do comando de greve, companheiros lutadores que têm segurado essa peleia que nós começamos já há uma semana. O companheiro Sílvio, que nos antecedeu aqui, e o companheiro Igor, que também está presente.

Nós estamos enfrentando uma situação complicada, em particular os colegas da Universidade de Ciências da Saúde, porque este documento aqui não precisaria que nenhum de nós estivesse falando qualquer coisa. Não precisa! O documento do Ministério Público, a condenação, Sofia, não precisava de nenhuma fala nossa aqui, porque este documento prova – e os depoimentos são claros e transparentes – que a Reitora Miriam simplesmente utilizou-se do seu cargo para fracionar objeto em licitações, para garantir que essas licitações fossem dispensadas em 47 vezes neste caso. Porque, inclusive, os colegas alegam que há casos mais graves, que ainda não foram averiguados a fundo. Então, hoje, neste caso aqui, isto já é suficiente para o que fez o Ministério Público. Além das contradições entre o depoimento dela na Polícia Federal e o depoimento dela no Ministério Público, a Reitora Miriam alega – ela é Reitora há vários anos dessa Universidade; antes era Diretora e agora que virou Universidade ela é Reitora, sem nenhuma consulta, nenhuma eleição da comunidade dessa Universidade -, que, como a sua formação é Medicina, ela desconhecia as minúcias da Lei nº 8.666/93. A Lei nº 8.666, digamos, é a cartilha de qualquer administrador. Não tem condição! O nosso Sindicato se inspira nessa Lei para fazer qualquer compra! Nós somos de direito privado, não precisamos fazer, somos dispensados de licitação, e nos apoiamos e nos inspiramos nisso. Por quê? Porque é uma garantia para nós, que contribuímos para sustentar aquela Universidade, para sustentar o serviço público do País; é a nossa garantia da transparência da utilização do nosso dinheiro e é o nosso controle sobre esse dinheiro. Então, em primeiro lugar, essa alegação é ridícula. Se você pegar qualquer funcionário ou um técnico da Universidade, ele sabe o que é a 8.666, porque é a cartilha de qualquer administrador público. Mas, digamos que nem isso ela soubesse. A CGU já tinha alertado a Reitora em três relatórios, já tinha advertido-a sobre as suas contas em relação às licitações. Já tinha alertado três vezes! Durante três anos, foi chamada a atenção, pela CGU, sobre os relatórios da Universidade. Então, essa alegação é falsa! Diante disso, como a situação era tão esdrúxula, a Reitora resolveu responsabilizar os técnicos dessa Universidade dizendo: “Isso não passava por mim, eu nem conheço. Eu estava lá em

cima no último andar e os técnicos estavam lá no porão e faziam a licitação; eu só recebia qual era o de menor valor e assinava. O procedimento administrativo era esse.”

Quando foram interrogados os funcionários, não só já iam as listas prontas para os técnicos, para que eles apresentassem o nome do mesmo vencedor – que apresentava duas outras empresas, ele mesmo trazia os orçamentos –, como também os técnicos é que chamaram a atenção da própria Reitora e de outros membros da administração de que isso era incorreto, que estavam constrangidos diante dessa situação. Esses servidores foram deslocados de setor. Todos que chamaram a atenção para isso foram perseguidos. O fato é tão conhecido naquela Universidade que o setor do almoxarifado é chamado de geladeira. Então, tu diriges o departamento de compras, que é um dos setores fundamentais dessa e de outras instituições públicas, e passa ao almoxarifado. Por que será? Se todos fraudavam licitações e protegiam esse Sr. Paulo... Isto aqui é transparente, estes depoimentos aqui são transparentes. Então, essa situação é inconcebível! E ela se apoia numa Reitora que acha que é dona da Universidade. Essa é a relação que ela tem: patrimonialista em relação à Universidade. Ela tem uma relação que não é de impessoalidade nem nada, todos os critérios que se exigem para um administrador, não são garantidos pela (Ininteligível.). Aliás, é o Ministério Público que diz isso; na condenação, o Ministério Público diz que ela não respeita esses princípios do serviço público.

Diante disso, nós não temos mais condições, a Universidade não tem mais condições de continuar dessa forma! Imaginem se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul acontecesse a metade do que está sendo dito aqui. Isso já seria um escândalo! No entanto, o que nós vemos é a proteção por parte dos reitores, uma proteção corporativa, depois por parte do MEC. E estranhamente a nossa própria Federação não divulgou a carta que foi aprovada entre todos os nossos companheiros numa Plenária nacional. Quer dizer, isso aqui pode ter mais coisas do que nós achamos, porque é muito estranho isso que está acontecendo, já que o Ministério Público não faria isso por outra razão, ainda mais com relatórios anteriores da CGU.

Nós estamos numa situação bastante complicada, porque depois desta denúncia aqui, o assédio moral se intensificou naquela Universidade, o assédio moral sobre os técnicos que se negaram a fazer parte disso, que fizeram esses depoimentos: foram coagidos

inclusive a assinar uma nota – pasme, Sofia – defendendo a Reitora, dizendo que ela não tinha nada a ver com isso.

Então, estamos numa situação muito difícil. Nós, como Sindicato, solicitamos uma reunião com o Ministério Público para adendar essa denúncia, dizer que agora estão sendo assediados os técnicos que trouxeram isso a público, que nos defenderam! Na verdade, os técnicos nos defenderam, porque aquele dinheiro não é da Reitora Miriam, não é da Universidade; esse dinheiro é nosso! É nosso! E, temos que falar claro aqui: a maioria dos técnicos nunca verá o seu filho dentro daquela Universidade. Infelizmente! Porque é muito difícil entrar lá. Então, ele sustenta essa universidade com os seus impostos. O mínimo que eles querem é uma transparência na aplicação de seus recursos, para que esses médicos, formados lá no futuro, sirvam a maioria da população, o que, em geral, não acontece. O mínimo que nós queríamos é essa transparência, e é o que não está acontecendo. É nesse sentido essa audiência pública. Para mim, não importa que estas galerias não estejam lotadas e que os demais Vereadores não estejam aqui. É como disse o Sílvio, nós vamos estar aqui, estivemos na Assembleia Legislativa, vamos seguir colocando esta questão, porque o mínimo que a Reitora poderia fazer é se afastar enquanto está sendo averiguado. Ainda que isso aqui seja transparente, digamos que ela fosse tão ignorante, por ignorar a Lei, e realmente não soubesse o que está acontecendo! No serviço público, eu penso que, quando qualquer cargo está sendo investigado, o primeiro passo de quem está sendo investigado é se afastar do cargo para que o Ministério Público tenha acesso a tudo e faça averiguação a mais profunda possível, quando não se tem responsabilidade sobre o que aconteceu e se quer se proteger. Em minha defesa, eu me afasto do cargo. O que aconteceu?

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Cuide seu tempo, Berna.

A SRA. BERNARDETE MENEZES: Concluindo, Sofia, só alertando para a importância do convite de vocês aqui, por nos ter recebido aqui. Hoje, a Reitora Miriam está entrando pela porta dos fundos. Essa é a realidade. Esta semana, fizemos um ato, e ela teve que entrar pela porta dos fundos, porque não pode entrar pelo portão da frente. Aliás, há um monumento, que foi feito ali na frente, com um valor bastante alto e que até hoje também

não foi explicado. Muito obrigada por esta oportunidade e parabéns, mais uma vez, para os nossos colegas técnicos que enfrentam essa luta, ademais da greve, porque é um enfrentamento duro, e estão enfrentando esse problema de assédio moral e de uma Reitora que não foi escolhida por ninguém e nem pelos seus pares. Muito obrigada. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Obrigada.

O Sr. Igor Pereira, Técnico Administrativo da Assufrgs, está com a palavra.

O SR. IGOR CORRÊA PEREIRA: Boa-noite a todos e a todas. Serei bem breve. Não quero me alongar, até porque a fala da Berna e do Sílvia acabaram contemplando muito do que a gente tem como formulação na Assufrgs. Só quero aqui comentar – e por isso não vou falar do fato em si – a excrescência do fato de termos uma Reitora nessas condições se mantendo ainda no poder. Mas, mesmo que as situações estejam complicadas – e estamos em uma situação bastante complexa de luta, de greve, enfim, e nós temos clareza do quanto é dura a nossa batalha -, mesmo que tenhamos essa situação difícil, a gente sempre tem a perspectiva da esperança. A gente sempre tem a perspectiva de que este momento de crise, que é um momento de crise para a sociedade – não é só um momento de crise para a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre -, que este momento possa nos servir para que conquistemos avanços para toda a sociedade. Daí a importância de estarmos aqui, na Câmara de Vereadores, que é um espaço público privilegiado para o debate dos rumos da política de Porto Alegre, do Brasil, da importância de se fazer este debate aqui neste fórum. Que este momento de crise possa servir para a gente avançar em uma concepção de gestão democrática do patrimônio público, dos espaços públicos.

Nós tivemos, recentemente, a conquistada da aprovação, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, de um Projeto de Lei de autoria de uma Deputada do PCdoB que inclusive é servidora das universidades, a Deputada Alice Portugal, que institui as eleições diretas para Reitor. Isso foi aprovado na Comissão de Justiça, ainda não foi aprovado como projeto de lei, mas é extremamente importante que avancemos nessa concepção, porque essa é a origem de toda a corrupção na gestão do patrimônio

público. Quando se tem uma concepção de gestão em que temos indicados... Porque o processo de eleição para Reitor ainda é isso; muitas universidades usam da autonomia universitária para fazer a consulta, e até há este nome: não é eleição, é consulta. Muitas universidades usam da sua autonomia universitária para ter um processo bastante democrático de escolha de seus dirigentes, e a paridade existe em muitas universidades, na UnB e outras universidades – na UFRGS e na UFCSPA, não acontece isso.

A Lei diz que existe uma lista tríplice e que, dessa lista, vai ser escolhido um pelo Presidente da República. É isso o que temos hoje. Então, em um processo que centraliza dessa forma a escolha dos dirigentes, tu abres toda uma margem para que ocorram dirigentes, como o caso dessa Reitora, que acham que são donos do patrimônio público, que acham que têm o direito de se apropriar do patrimônio público como se fosse seu. Na verdade, é disso que tenho esperança e acho que nós, da Assufrgs, nós, estudantes, temos esperança de que esse processo possa servir para que a gente possa amadurecer o processo da democracia e possa conquistar, com isso, um avanço na gestão democrática do patrimônio público. Por isso que é muito pertinente a luta dos estudantes, e nós nos somamos a isso e lutamos pelas eleições diretas na UFCSPA, pela eleição direta como um processo que deva ser valorizado e, cada vez mais, implementado nas universidades.

Por isso, fica a nossa esperança de que a Reitora possa ter o bom senso de se afastar e que possa também ser aliada no processo de construção em uma eleição democrática e em uma eleição direta na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Essa esperança é o que eu queria expressar aqui.

Eu gostaria de saudar todos os que estão presentes. Acho que a relevância do momento aqui do debate por si só já garantiu a noite de todos que vieram. Espero que a esperança possa vencer este momento de crise e possa garantir que tenhamos avanços concretos na democracia, na gestão dos nossos espaços públicos e na gestão das universidades. Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): A Ver.^a Fernanda Melchionna está com a palavra.

A SRA. FERNANDA MELCHIONNA: Boa-noite. Primeiro, dirijo-me aos colegas da Mesa, ao Gabriel Bernardo, do Movimento UFCSPA Ficha Limpa, de que é perfeita a turma de Fonoaudiologia; ao Sayuri; ao Giovanni, do DCE, também; ao Juliano, representando os trabalhadores e, certamente, os servidores da Universidade que estão em greve, junto com a Berna, nossa companheira combativa; está à frente num momento muito importante para o futuro das universidades. Eu gostaria, também, Presidente Sofia – já lhe agradecendo por este espaço democrático –, que pudéssemos discutir essa questão da situação dos trabalhadores das universidades federais brasileiras, dos encaminhamentos e da importância da solidariedade e do apoio, também, da Câmara Municipal às reivindicações da Assufrgs, dos trabalhadores, das 37 universidades que estão em greve, mas, antes, eu queria saudar todos os estudantes que estão aqui; é final de semestre. O pessoal também teve uma péssima experiência na Assembleia Legislativa, e é importante registrar a forma desrespeitosa como o Movimento Estudantil foi tratado na Comissão de Educação, de maneira antidemocrática e de maneira intimidatória, sem este espaço rico como estamos tendo aqui, para o debate, para o diálogo e, sobretudo, para o encaminhamento. A crise por que passa a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre é muito grave, gente! Sinceramente. Eu estive, primeiro, na assembleia do DCE em que apresentaram o processo, e é um mérito dos estudantes do DCE. Se não fosse a intervenção de vocês, a sociedade não saberia – não saberia! – desse processo, dessa condenação e do fracionamento de 47 processos licitatórios. Já foi bem falado por outros companheiros que me antecederam, mas, de fato, mostra uma postura ilegal – porque a lei é muito clara, inclusive, para qualquer um que estuda para concurso público, ao ler a lei das licitações. Em geral, cai na maior parte dos concursos públicos a lei das licitações.

Então, uma professora universitária, doutora, Reitora de uma universidade, com uma equipe diretiva, sendo orientada pelos técnicos administrativos, Sofia, sendo que, no processo, aparece que era ilegal o procedimento e que deveria ter processo licitatório, e ela não só não o fazia, ela não só seguia direcionando para um senhor chamado Paulo Pedott – acho que cabe ainda à Justiça investigar quais as relações pessoais, políticas, etc. desse senhor com a Reitoria e onde foram parar esses recursos –, como bem falou a

Berna, botava na geladeira os trabalhadores que lutavam pela idoneidade, pela boa versação do dinheiro público.

Então, o processo é escandaloso. Tentam colocar a culpa nos trabalhadores; felizmente, o Ministério Público, a Juíza teve uma avaliação importante, ao ouvir as testemunhas, mas chama-nos a atenção que ela siga exercendo o cargo, não só para se defender, como bem lembrou Gabriel Bernardo, viajando a Brasília, em uma nota paga pelas universidades federais – que sabemos que não saiu do salário de nenhum dos seus dirigentes, mas, certamente, dos recursos que as universidades federais têm para investir na Educação -, foi comprado pelos reitores, nos jornais. Nós sabemos que ela também seguiu usando o cargo para aterrorizar, enfim – não: para “intimidar”; acho que intimidar é a melhor palavra; aterrorizar nós estamos vendo lá na PUC, com a bela mobilização que os estudantes estão fazendo e a política autoritária que o DCE lá daquela universidade tem tido com os estudantes. Lá, sim, é terror, é baixaria, é máfia, mas, no caso da Universidade de Ciências da Saúde, nós temos a prática sistemática do assédio moral aos trabalhadores e aos estudantes em sala de aula.

Então, eu acho que é muito, muito, muito gritante o processo, sem a condenação da Reitora, com a permanência dela no cargo, como se nada estivesse acontecendo, se recusando a vir às audiências públicas, se recusando a receber o Movimento Estudantil, se recusando a fazer aquilo que deveria ser a primeira coisa de um inocente: se defender; se recusando a fazer um debate democrático e usando o Conselho Universitário, que segue sendo composto majoritariamente por professores – os técnicos que constroem as universidades e os estudantes são minoria no Conselho Universitário –, de uma hora para a outra, votar uma nota em seu apoio, de maneira também ilegal, sem os prazos regimentais da Universidade. Então, é um conjunto de acintes a qualquer democracia por que tanto lutamos dentro da Universidade!

Então, Ver.^a Sofia, companheiros e companheiras, acho que nós, que somos Vereadores da Câmara Municipal, temos de pensar como ajudar, evidentemente, a fortalecer o Movimento e a Câmara de Vereadores a publicizar o que está acontecendo. Eu tenho três encaminhamentos para fazer, sem antes deixar de registrar a importância do próprio fortalecimento da luta dentro da Universidade, o que vocês têm feito, os marmitaços, a luta pelo restaurante universitário, a luta por eleições diretas já. A antecipação das

eleições é o mínimo, é uma maneira democrática, uma reforma democrática básica em que tenha eleições paritárias e os estudantes, os funcionários, os trabalhadores e os professores escolham, de fato, o Reitor ou a Reitora. Não pode ser que, em pleno 2011, nós vejamos práticas remanescentes da ditadura militar, das eleições indiretas, das indicações, das listas tríplexes – que continuam, porque ainda é uma luta – e de composições que beneficiam apenas um segmento da comunidade acadêmica, e não todos. O fortalecimento da luta do movimento pode avançar – e muito – na questão interna da Universidade, mais o debate político sobre a democracia dentro das universidades federais.

Também acho que nós, nesse sentido, podemos apoiar de três maneiras. Primeiro, acompanhando a questão do Ministério Público; acho que nós também podemos fazer uma Audiência com o Ministério Público. Nós, da Câmara Municipal, Vereadores, Vereadoras, com representação de estudantes, dos trabalhadores da Assufrgs, do sindicato, enfim, acho que podemos fazer este pedido. Acho que podemos fazer uma Comissão que acompanhe, e temos que ver se será uma comissão externa oficialmente, ou se é uma comissão composta pelas pessoas que estão dispostas a acompanhar a luta dos estudantes, como foi reivindicado. E acho que podemos endossar o pedido dos estudantes de não só serem recebidos, mas, também, de uma reforma democrática dentro da Universidade. Porque todos aqueles que pagam impostos, majoritariamente, aliás, não estão nas universidades federais ainda, não têm o direito sequer de serem recebidos por aquele, ou aquela, que deveria ser o seu representante máximo num momento de crise completa na universidade.

Sobre as nossas tarefas – o Ver. Pedro Ruas usou uma frase que ele aprendeu nos seus tempos de aluno de Direito –, aquele que defende, aquele que, nos casos do Direito Penal, defende o corrupto, ou o agressor, é uma tese do Direito Penal, é cúmplice. Eu acho que nós temos que fazer uma Moção, ou um pronunciamento, em relação à postura do Ministro da Educação. Não pode o Ministro da Educação vir a Porto Alegre e ser cúmplice, ao se manifestar na Rádio Gaúcha, no jornal Zero Hora. Quem deveria fiscalizar o bom uso da verba pública – sejam cem mil, seja um milhão, sejam cem milhões, não só o Ministério da Educação, mas, também, o Ministério da Educação –, não pode vir a Porto Alegre dizer que tem certeza da idoneidade da Reitora, sem sequer ler o processo. Se ele

tivesse lido o processo, acho que ele se constrangeria ao chegar no Rio Grande do Sul e dizer o que disse. Acho que nós não podemos aceitar a cumplicidade do Ministério da Educação nas maracutaias envolvendo a Reitoria da UFCSPA.

Para concluir, em relação à greve, nós estamos passando por uma situação muito difícil nas universidades em relação à política de reajuste salarial dos trabalhadores e trabalhadoras. Infelizmente, no início do ano, uma série de projetos foram apresentados em relação ao fim da estabilidade, uma caixa-preta do desmonte do serviço público e do funcionalismo público federal. Felizmente, alguns caíram, entretanto, duas questões fundamentais seguem, que precisam da mobilização dos trabalhadores e precisam ser apoiadas por nós.

Primeiro, a política de reajuste salarial. Em 2011, a mesa de negociação do Governo foi uma falácia, uma demagogia, porque não avançou, e não teve nenhuma proposta em 2011 de reajuste salarial para os trabalhadores, e não terá. Não terá! Já passou a mesa de negociação e os trabalhadores, com uma inflação de 6%, não vão ganhar nada de reajuste salarial. Nem uma bala!

Segundo, e, portanto, a luta dos trabalhadores é para garantir reajuste em 2012. Para a categoria, Ver.^a Sofia, que tem o pior piso e o pior teto do funcionalismo público federal do País, os trabalhadores das universidades federais, como a Medida Provisória nº 520, que privatiza os hospitais universitários, parecido com o processo de privatização da Saúde da Família, que nós, aqui, na Câmara de Vereadores, fizemos um bom debate, votamos contra, mas, lamentavelmente, fomos derrotados.

Quero dizer que é fundamental, também, que nesse processo a gente apóie os trabalhadores. De repente, uma Moção de Solidariedade à greve e ao pedido de abertura imediata de negociação de verdade. Uma negociação não para barrar a greve, fazer um blá-blá-blá, e garantir que a turma entre na greve depois, e atrase o processo de mobilização, mas uma negociação que avance na carreira, que avance no salário e que avance na defesa do serviço público.

Quero concluir, companheiro Silvio, dizendo que a única luta perdida é aquela que a gente abandona. Parabéns àqueles que não mudaram de lado e seguem firmes na luta e nas trincheiras em defesa do povo, dos trabalhadores e da juventude. Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Muito bem. Vamos aos encaminhamentos.

O SR. JULIANO MEDEIROS: Rapidamente, acho que a proposta da nossa companheira Ver.^a Fernanda é excelente. Se a Câmara de Vereadores puder se manifestar a favor da abertura das negociações com o Ministério do Planejamento, será excelente. Todas as manifestações nesse sentido são indispensáveis para nós, porque ninguém quer ficar dois, três meses de greve, como já aconteceu muitas vezes, e até mais do que isso. E os colegas mais experientes podem testemunhar isso. Qualquer manifestação será muito bem-vinda.

Hoje nós entregamos uma carta para o Presidente da Assembleia Legislativa pedindo que ele ajudasse no sentido de pressionar o Governo a abrir negociação, e a Câmara de Vereadores ajuda muito nesse sentido, levando em conta a nossa situação que é muito difícil.

Primeiro, sobre a nossa capacidade de enfrentar o problema do afastamento da Reitora. Em 2008, eu participei como militante do movimento estudantil, e Diretor da UNE, pela oposição de esquerda, da ocupação da Reitoria da UnB, naquela ocasião, o Timothy Mulholland, que foi denunciado por usar e desviar 700 mil reais da Finatec – Fundação de apoio à Universidade. Vejam, via de regra, os recursos da Fundação de apoio são recursos privados, capitados junto a empresas, até tem recurso público, às vezes. Ele desviou 700 mil reais, que até iriam ser usados na Universidade, muito provavelmente, mas desviou da Fundação, não foi nem da Universidade, não foi nem um recurso da União que ele desviou. Isso mobilizou de tal forma os estudantes, que nos levou à ocupação da Reitoria de quase um mês, vinte e poucos dias, e ele não aguentou. Ele não se afastou do cargo, ele renunciou ao cargo de Reitor.

E, naquela ocasião, como agora, o MEC também vacilou, o MEC também tentou proteger. A Direção majoritária da UNE tentou proteger, e veio com o debate de que, quem sabe, ser contra às fundações de apoio, e assumirmos uma posição de regularizar, regulamentar. Um debate muito esquisito.

Então, foi na pressão. E, com isso, quero dizer que só esperança, o ato de esperar, neste caso, não nos levará a nada. Esperar que essa Reitora seja nossa aliada para uma reforma democrática, é esperar que amanhã seja domingo. É impossível! Ela é nossa

inimiga na luta pela democracia na Universidade, e ela já demonstrou isso diversas vezes. E isso é importante que seja dito aqui, para que não se alimente nenhuma ilusão de que ela pode ser aliada. Ela retroalimenta um esquema de manutenção dela e dos seus, do poder daquela Universidade, que só pode ser derrotado com muita pressão de fora para dentro. Por isso é importante este momento aqui na Câmara, mesmo com as dificuldades naquele momento na Assembleia Legislativa. E todos os momentos que a gente puder construir com o Ministério Público e outras entidades serão bons, porque tem que haver muita pressão externa, muita pressão da opinião pública. O Ministro se sente à vontade para vir aqui e dizer uma bobagem dessa, porque a opinião pública ainda não está suficientemente mobilizada em torno desse caso. Então é nossa tarefa, também, usar espaço como este e outros para mobilizar a opinião pública e enfrentar esse debate. Nós não vamos esperar a postura dela de não vir aqui, a postura da administração central de não ter ninguém, é uma postura muito ruim, porque parece um samba de uma nota só, onde todo mundo fala a mesma coisa. Mas, concretamente, isso não nos fragiliza em nada, nós vamos usar este espaço e outros espaços para divulgar a nossa versão, a nossa visão dos fatos. E não só a versão dos fatos em si como estão presentes nos autos do processo. Ela tem apoio político? Tem, evidentemente que tem. Sabemos que tem apoio de Partidos, de setores influentes do Governo Federal; tem, sim, apoio do Ministro. Eu brincava com um colega que estava fazendo as inscrições quando a gente chegou, e ele me perguntou se a nossa universidade aderiu ao ENEM. E eu disse que completamente. A nossa Universidade é a Universidade não do ENEM é do amém, porque tudo o que o Ministério diz a Reitora diz amém. Não questiona nada, não critica nada. É uma Reitora que está cem por cento alinhada com as políticas do MEC. E nem todas as políticas do MEC são boas, então, evidentemente, que tem problema na gestão da Universidade também do ponto de vista político, das opções que são feitas na Universidade para gestão daquela instituição. Ela tem o apoio da ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior -, que é um órgão corporativo, evidentemente vai apoiá-la; tem apoio do MEC, porque tem influência. E nós temos o apoio da Fasubra – Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Universidades Públicas Brasileiras –, temos apoio dos estudantes, do DCE. Eu não acho o DCE da UFCSPA ou da Assufrgs menos importante do que a ANDIFES, sinceramente

acho que nós temos a capacidade muito maior de tocar a opinião pública do que a ANDIFES. Então acho que a gente vai seguir nessa luta. Ela vai ter que aumentar muito o almoxarifado lá, se ela quiser colocar todos os servidores no almoxarifado. Vai ter que fazer uma reforma, vai ter que ser com licitação, porque oito mil só não vão ser suficientes para construir um almoxarifado onde caibam todos os servidores que estão a fim de lutar por democracia naquela Universidade.

Para terminar, é evidente que 100 mil reais é muito, 100 mil reais é pouco, pode ser pouco, se a gente comparar com 50 bilhões que o Governo acabou de cortar do orçamento, que é a corrupção institucionalizada, que corta 50 bilhões do orçamento para alimentar os banqueiros, garantir superávit primário, garantir que a especulação em torno da dívida pública do País continue. Pode ser muito, se comparar com o salário do servidor público que está em greve. Então, esse, para nós, é um debate bizantino. É muito, é pouco, não interessa, é o suficiente para justificar a nossa mobilização e a nossa luta. Isso, eu acho, que é o importante para que a gente não faça dessa questão, que é uma questão irrelevante, algo polêmico. O Pedro citou o Comandante Fidel Castro, acho que é uma figura importante da nossa história, e tem uma frase que foi atribuída a ele – eu nem sei se, de fato, é dele, mas acho até que é – com o passar do tempo de tão simbólica que é, dizia ele, no período da Revolução Cubana: de derrota em derrota, até a vitória final. Então, acho que, mesmo que a gente sofra algumas derrotas, a vitória é nossa, e nós, com certeza, venceremos, Obrigado.

O SR. GABRIEL VARGAS BERNARDO: Sou estudante de Psicologia da UFCSPA. Primeiro, gostaria de agradecer novamente o espaço, a gente fica bastante satisfeito por ter vindo aqui e ter conseguido fazer esse debate de forma séria, muito diferente do que aconteceu na Assembleia Legislativa. Isso frustrou muito os colegas, realmente foi um golpe no nosso movimento, mas aqui a gente pode fazer de forma muito mais tranquila esse debate, e acho que a gente avança. Infelizmente, a sociedade está de cabeça para baixo, enquanto o Palocci foi defendido pelo ex-Presidente Lula, enquanto os desmatadores vão ser anistiados, enquanto os bombeiros são presos no Rio de Janeiro e enquanto a Miriam da Costa Oliveira é defendida pelo Ministro da Educação. E uma brincadeira que a gente fazia é que, provavelmente, o Palocci era o consultor da Miriam,

porque estão todos juntos no mesmo balaio. Eu acho que a gente vive um momento bastante importante de ascenso da luta dos estudantes, porque não é só na UFCSPA que os estudantes estão organizados. Hoje a gente tem colegas que estariam aqui, mas estão lá na PUC, porque estão vivendo uma situação bastante séria também, com estudantes sendo agredidos por um DCE bastante autoritário e truculento.

É bastante importante a gente ressaltar a importância que tem o nosso DCE no processo dessa mobilização. O DCE foi criado só no ano passado. Se não existisse o DCE, hoje não existira essa luta, ninguém saberia do que aconteceu. Então, o DCE já é uma boa pedra no sapato da Miriam. E nós já somos vitoriosos hoje. A Miriam não sai mais pela porta da frente da Universidade. Isso que o Sílvio falou é muito importante. Ela se esconde. A Miriam pede para o motorista dela dar a volta na quadra e buscá-la na Santa Casa, porque ela não tem coragem de passar na frente dos estudantes. Então a nossa vitória, nesse sentido, já está dada, a Miriam está envergonhada. A gente falou, no dia em que a gente chegou na Reitoria não fomos recebidos, os estudantes disseram: a Miriam está foragida. Ninguém a encontra dentro da Universidade, ninguém encontra. Antes era comum, a Universidade é muito pequena, e a gente sabe que na UFRGS não é tão comum assim encontrar um reitor, mas facilmente a gente a encontrava no café da Universidade, no restaurante panorâmico, andando pelos corredores, hoje a gente não a encontra mais. A Reitoria está sempre fechada, está instalado um interfone na frente da porta da Reitoria e só entra lá quem marcou antes. Tem que se identificar, há uma câmera, um interfone, então ninguém entra. Não há livre acesso à Reitoria. Então ela está encastelada no 5º andar e sai sempre pela surdina, e isso já é uma vitória nossa, graças a nós.

A gente vem aqui fazer esse apelo, tentar fazer esse debate, tentar tirar algum encaminhamento sério, para que a gente possa publicizar nossa luta e facilitar esse processo. Mas uma coisa a gente sabe também, o Juliano lembrou o que aconteceu na UnB – Universidade de Brasília – em 2007, os estudantes da UnB nos mostraram o caminho, é só a luta que conquista, não tem outro jeito. A gente sabe que não é através da Câmara, não é através da Assembleia Legislativa que a gente vai conseguir afastar a Miriam, que a gente vai conseguir virar esse jogo. Só a luta pode. E esse é um dos passos que a gente está dando. A gente agradece, de novo, à Ver.^a Sofia Cavedon, que

deu esse espaço – e ele é muito importante para dar respaldo ao nosso movimento -, e, agora, provavelmente, nós sairemos daqui e iremos lá para a PUC, porque lá está bastante sério também, e amanhã estaremos no piquete com a Assufrgs, porque a luta continua e só a luta conquista. Obrigado. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): O Sr. Giovanni está com a palavra.

O SR. GIOVANNI FERREIRA: Na minha fala final, eu quero trazer uma frase dita pelo Ministro da Educação, Fernando Haddad, na Rádio Gaúcha. Coincidentemente, no dia do nosso primeiro ato pelo afastamento imediato da Reitora, o Ministro Fernando Haddad afirmou com todas as letras e com toda a certeza que a Professora Miriam era uma das pessoas mais probas que ele já conheceu na vida. Eu não sei o que o motivou a dizer isso, mas eu faço um questionamento, e acho que muita gente se faz também: quem são os amigos do Ministro Fernando Haddad – além do Palocci? Quem são os amigos desse Ministro que tem o destempero de falar um absurdo desses para a população do Rio Grande do Sul, que, por azar, ainda não tinha completa ciência – e ainda não tem, mas vai precisar ter, e esse espaço se destina a isso – da gravidade de todo esse processo de sujeira dentro da Universidade? Esse é o primeiro ponto que eu gostaria de ressaltar, que demonstra um pouco a grande incoerência pela qual o nosso País é levado pelos poucos que o governam e que o governam de uma maneira no mínimo estranha. Eu fico muito feliz com o espaço que nos foi cedido aqui. Sofia, muito obrigado mesmo. Como o Gabriel disse, e como eu já havia dito antes, nós ficamos bastante revoltados com a maneira como nós fomos recebidos na Assembleia e ficamos, realmente, temerários de como seria a nossa recepção aqui. E, hoje, nós te agradecemos do fundo do coração, em nome de todos os estudantes da UFCSPA, pela maneira como tu estás conduzindo esse debate, que, infelizmente, não contou com a participação da parte condenada. Nós gostaríamos muito que a Professora Miriam estivesse aqui, porque nós gostaríamos de ouvir as coisas que ela teria para nos dizer, mas, infelizmente, ela não está aqui, infelizmente, “ela tem o rabo preso”, infelizmente, ela foi condenada e orientada pelos advogados a não falar nada. Se ela falar, o que vai acontecer com ela? Ela vai se afundar mais ainda. Essa é a grande questão. Então, Fernanda, Sílvia, Berna, Simpa, DCE da

UFRGS, Assufrgs, como entidade, servidores, estudantes, colegas de movimento, que estão sempre mobilizados com a gente – nós estamos aqui há quase duas horas –, muito obrigado. Em nome do nosso DCE, muito obrigado mesmo, e eu tenho certeza de que a luta continua. O DEC foi criado de uma maneira singular na história do Movimento Estudantil do Brasil, foi criado numa assembleia geral com mais de 400 estudantes, fruto de uma ocupação de reitoria, que despertou um grande senso de coletividade dentro da Universidade, e esse senso de coletividade é demonstrado hoje, aqui, não só com a presença dos estudantes, mas com a mobilização das outras entidades que vêm nos prestigiar e lutar junto com a gente. E a gente também se solidariza com vocês e podem ter certeza, Simpa, Assufrgs, DCE da UFRGS, de que nós estamos juntos nessa. É isso, pessoal, muito obrigado por terem vindo, a nossa luta continua, ela vai até o fim, e o fim vai ser com a derrubada da Miriam. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Como diz aquele dito popular: se isso não acontecer, é porque o fim não chegou.

Antes dos encaminhamentos, eu só queria dizer que não poderia ser de outra forma a recepção da Câmara de Vereadores a essa demanda. Eu acho que isso não é uma concessão que eu faço; é uma conquista da democracia e não tem como ser diferente. Acho que um Parlamento – e eu nem precisaria falar isso para vocês – tem a representação da sociedade, a delegação é para representar a sociedade, para fazer mediação, para escutar e para dar poder ao cidadão, à cidadania. Assim tem sido a minha condução, eu procuro que seja essa, porque esse é o nosso papel aqui, né, Fernanda?

Bom, acho que há dois grupos de encaminhamentos. Um em relação ao tema da problemática que vocês colocam aqui, que, de fato, tem todo esse respaldo, e eu reconheço que tem, difícil de furar, talvez até pelo valor, mas, principalmente, na minha opinião, pelo desconhecimento da falta de gestão democrática dentro da Universidade. Ela é muito nova, ninguém conhece muito como ela funciona, não está na pauta, e eu acho que esse é o grande mérito do movimento que vocês estão realizando. Eu estou tentando lembrar, eu até esqueci como era o nome da nossa instância que elegia diretores de escola na rede municipal de ensino, há muitos anos, e que tinha esta composição: 70% professores, 15% funcionários e 15% de pais ou alunos. Agora eu

lembrei: era o colegiado. E nós o substituímos há muitos anos, no final da década de 1980, pela eleição direta e paritária entre os funcionários permanentes e a comunidade escolar. Então, eu acho que a Universidade tem muito que avançar.

Eu vou começar de trás para frente do que foram as propostas apresentadas. O Pedro Ruas levantou o tema de uma Moção. Dificilmente, nós votaremos, aprovaremos, na Casa, uma Moção de retirada da Reitora.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Pois é, mas eu acho que talvez nós pudéssemos fazer uma Moção de apoio à pauta de reivindicação dos estudantes da Universidade, cujos pontos seriam esses: gestão democrática na Universidade, assistência estudantil... Porque eu acho que isso não pode ser feito de outra forma, e nós podemos encaminhar ao MEC, à Reitora, já que será a instituição Câmara que estará se manifestando. E aí, na Justificativa, nós colocaríamos os problemas que são questionados pelo Movimento. Eu acredito, Fernanda, que uma Moção dessas, saindo da Câmara de Vereadores, tenha um papel forte. Eu me proponho a escrever essa Moção junto contigo e conto com a ajuda dos estudantes. Nós conhecemos a nossa Casa, nós podemos fazer um bom debate, acho que vai ser um bom debate que vai parar aqui, e as pessoas vão dizer que ela já está respondendo... nós conhecemos bem. Se nós queremos fortalecer o movimento de vocês, na minha opinião, é isso que nós devemos encaminhar.

Segundo, a solicitação formal à Reitoria para que recebam os estudantes para tratar do conjunto da pauta. A Câmara, como o resultado da Audiência Pública, formaliza esse pedido. Terceiro, encaminhamento das notas taquigráficas da Audiência Pública ao MEC, solicitando a abertura de reunião e rediscussão da pauta da Universidade. Então, o MEC tem que saber que a Audiência Pública se manifestou assim, e que nós organizamos... Não precisa ser essa tradução literal, mas precisamos organizar um documento com todos os elementos levantados e encaminhados, porque a Audiência Pública tem essa autonomia, ela tem uma formalidade. Nós gastamos dinheiro e publicamos em jornal, e não é pouco, cada Audiência Pública aqui possui uma instância formal da Casa. Nós não

podemos falar em nome da Casa, mas todos os Vereadores sabiam, então isso é uma Audiência que encaminha um posicionamento a partir da ouvida da sociedade. Acho que o MEC tem que saber de todas essas questões, através da nossa Câmara.

Por fim, e já tinha inclusive conversado aqui na Mesa, nós podemos solicitar uma Audiência, pela Câmara, com o Ministério Público Federal. Nós aqui temos procedimentos diferentes de intervir no processo jurídico, que é um processo legal, que já tem condenação, que está em recurso. O Ministério Público é o guardião da legislação que rege as universidades federais, a concessão do tema da Educação, a gestão democrática da Educação, etc. Uma pauta que eu gostaria que vocês organizassem, se não houver um documento todo, que a gente pudesse intermediar essa reunião com o Ministério Público Federal. Não sei se vocês concordam e se querem acrescentar algum encaminhamento em relação à Universidade – eu não vou dizer, gurias, porque eu não treinei na frente do espelho – de Ciência Médica, que eu não sei dizer... Depois nós treinamos.

Na Moção, podemos acrescentar que repudiamos qualquer forma de assédio moral. Nós temos uma Lei, inclusive, aqui que caracteriza assédio moral, uma Lei Municipal que tem punição.

Sobre o tema da greve da Assufrgs, a proposição da Ver.^a Fernanda é de uma Moção de apoio aos trabalhadores e pedido de imediata abertura de negociação pelo Ministério de Planejamento. Acho que este também é mais fácil de aprovar, é forte.

Para encerrar, em todas essas Moções, a gente lista todos os encaminhamentos, para vocês saberem que, ao votar, vota-se a Moção e determina-se para onde vai: podemos mandar para a Câmara dos Deputados, para o Senado Federal, para o Ministério Público Federal, para todas as instituições que tenham alguma responsabilidade com a Universidade e com os servidores.

Em relação ao Ministro Fernando Haddad, qual é a Moção de Repúdio...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. PRESIDENTE (Sofia Cavedon): Exatamente. Na legitimidade da Audiência Pública, vai a crítica à postura do MEC de pura e simplesmente respaldar a Reitora sem

sequer ouvir os estudantes, a comunidade escolar... Acho que isso a gente pode formular e colocar. Está correto, é legítimo, e acho que tem que ser transmitido ao Ministério da Educação, com a contundência devida. Está bem encaminhado?

Quero agradecer a presença, parabenizar a luta aguerrida, a luta justa de todos vocês, e a Câmara continua à disposição. Um grande abraço, boa-noite a todos.

(Encerra-se a reunião às 21h20min.)